

Ser Médico

A partir desse volume, a ACTA MSM inicia a coluna intitulada “Ser Médico”, nela serão abordados temas, relacionados à medicina, que abordem histórias de vida, relatos, literatura, cinema e cultura em geral.

Iniciamos com o texto, de mesmo nome, de autoria do Prof. Dr. Raymundo Manno Vieira, Diretor Acadêmico da Escola de Medicina Souza Marques.

“Ser Médico”

Prof. Dr. Raymundo Manno Vieira¹

O texto aqui apresentado se compõe de reflexões sobre a medicina, sobre a formação e o papel do médico, sobre as atuais características da arte médica. Foi elaborado na intenção de servir de guia para o docente do ensino da medicina, para que este valorize nas suas aulas a arte médica como aqui descrita e para que objetive ensinar aos seus discípulos a elegância e a humanidade que cabem no Ato Médico.

O papel fundamental do docente de medicina é o de evocar a vocação que, no íntimo, cada estudante deve possuir e ao desvela-la ser capaz de acompanhar a transformação do noviço num médico competente.

O Ser Médico, o ser um bom praticante da arte médica, requer instrução, formação e educação. Cabe, pois, ao docente de medicina saber transmitir aos seus discípulos os conhecimentos, treiná-los nas habilidades e competências, e educa-los nas atitudes que são exigidas do bom profissional médico.

Objeto da Medicina

O objeto primordial da medicina desde a sua origem ancestral (c. 10.000 a.C.) é a promoção da saúde do Ser humano.

Para isto, a prática médica sempre se propôs a atuar sobre o Homem para aliviar as suas dores, curar as suas enfermidades, pensar as suas feridas, kprotelar a sua morte.

Do seu início ancestral para os dias atuais as práticas da medicina evoluíram: 1º) para aliviar as dores: do uso de ervas para a terapêutica medicamentosa; 2º) para curar as enfermidades: dos atos xamânicos e exorcismos para a clínica médica; 3º) para pensar as feridas: das compressas diversas para a clínica cirúrgica; 4º) do protelar a morte pelos rituais da vida e da morte, para as mais diversas especialidades médicas.

¹ Diretor Acadêmico da Escola de Medicina Souza Marques.

Definição da Medicina

A medicina é a arte que pretende conciliar ciência, sabedoria e humanismo.

É a ciência que possibilitou a evolução dos conhecimentos humanos para o entendimento, o controle, a modificação e a superação das adversidades como as dores, as enfermidades, as feridas e a morte, que tanto afligem a vida humana.

É a sabedoria que resultou de séculos de experiência acumulada no trato com os males que corrompem a saúde do homem.

É o humanismo que é glorificado pelo homem para favorecer o relacionamento com o seu semelhante cada vez mais afetivo, moral e ético, é o amor ao próximo que padece enfermo.

A medicina é, assim, a arte que procura conciliar ciência, sabedoria e humanismo para não só cuidar, prevenir e erradicar as enfermidades, como, também, para favorecer, cada vez mais, uma melhor qualidade de vida ao Ser Humano.

Medicina do gr. <tekhne iatrikhe> e do lat. <ars medica>: a arte médica.

A medicina é a “arte” que é um saber fazer inteligente. É a “habilidade” que objetiva o diagnóstico das enfermidades. É a “competência” para o tratamento destas e para os prognósticos que avaliam a evolução dos procedimentos aplicados a estas.

É a arte da anamnese que se mostra na coleta das informações que resultam na história das doenças. É a arte de realizar a semiologia e a propedêutica, a consecução do exame físico e da análise dos exames subsidiários para o diagnóstico das enfermidades.

É o construir da história clínica que orienta os diagnósticos, tratamentos e prognósticos pelos quais o médico pretende a cura dos males, que afligem o ser humano.

É, enfim, a arte da prática das habilidades e competências do médico, no seu dia a dia, no trato com as dores, as doenças, as lesões e com o enfrentamento da morte.

A medicina como “sabedoria”, são conhecimentos acumulados por séculos, advindos da experiência e da vivência da prática médica diária.

São conhecimentos resultantes de cerca de 12.000 anos de pugnâncias com as dores, as enfermidades, as feridas e com a morte que afetam os Homens.

São conhecimentos evoluídos com acertos e desacertos, com avanços e retrocessos.

São conhecimentos resultantes de um caminho percorrido na busca do bem-estar que é a saúde humana.

Assim, a medicina é uma sabedoria acumulada de longa data que compreende, em seus fundamentos, conhecimentos armazenados em uma história milenar.

A prática da medicina fundada no “humanismo” é o realizar do Ato Médico no amor ao ser humano, no respeito à sua saúde e sua vida.

O Ato Médico não é um ato religioso, mas, é sim um ato humanitário de amor.

A prática da medicina é antes de tudo uma atitude que se situa, numa perspectiva antropocêntrica, em domínios de valores éticos, morais e civilizados, os quais são relativos às ações nas relações entre seres humanos que se respeitam.

A prática da medicina é uma atitude segundo exigências históricas, religiosas, psicológicas, sociais e econômicas que condicionam a vida do homem, no convívio com os semelhantes no mundo e no tempo, de forma nobre, honrada e justa.

A prática da medicina é a atitude de amor, de fraternidade, na relação entre sujeitos humanos em propostas humanitárias.

Assim, a medicina é um humanismo, pois, compreende, em seus objetivos, o amor desapegado ao Ser humano.

Hipócrates dizia que o médico devia atuar sempre com arte, a <tekhné iatrikhé>. E sobre as dificuldades da prática da medicina dizia:

“A vida é breve, a arte é longa, a ocasião fugidia, a experiência enganosa, o julgamento difícil.”

O estudo da medicina, germinado no sonho do ideal vertido como vocação, é forjado desde o lar e nas escolas, mas, só se consolida no compromisso do próprio médico com a medicina.

O estudo da medicina é um entendimento que parte do individual e alcança o social e que apoiado nos sentimentos e razões íntimas deve ser norteado pelo amor ao próximo.

Assim, o estudo da medicina é um acordo que se estabelece no compromisso do noviço com a sua família, com a sua sociedade e, antes de tudo, deste para consigo mesmo, para viver o ideal humanístico de manter, recuperar e promover a saúde dos seus semelhantes.

A arte que é a medicina pressupõe, pois, o amor à humanidade o qual, germinado na intimidade da vocação, idealiza o sonho de promover o estado de bem-estar, que é a saúde, para cada Ser humano. Deste modo, a arte médica é um compromisso sociocultural com civilidade, benevolência e humanidade.

E a medicina é a arte que pretende conciliar sabedoria, ciência e humanismo.

A instrução médica é antes de tudo informação, conhecimento, mas, sendo na sua essência, o aprendizado da metodologia e da lógica da prática do Ato Médico.

É necessariamente a orientação que promove os meios e os caminhos (métodos) para a aprendizagem de informações e conhecimentos sobre técnicas e procedimentos, os quais fazem o homem ter a ciência, a sabedoria e o humanismo exigidos para conhecer e praticar a arte médica.

A instrução médica é sem nenhuma dúvida o caminho para a educação do médico.

A formação médica é, fundamentalmente, o determinante para promover o eclodir da motivação que é gerada na vocação pessoal e também na tendência e paixão individual pela busca dos saberes, os quais o futuro médico deve ter.

Assim, a formação médica é o processo que almeja promover o conhecimento que dá ao homem a preparação para ser mais do que um técnico, ou um conhecedor, ou mesmo um cientista, mas para ser um amante da arte, que é a prática da medicina.

A instrução médica e a formação médica são, pois, distintas, embora complementares. E mais, a instrução e a formação médicas são tão só parcelas da educação médica.

Porém, enquanto a instrução requer certa passividade do educando a formação exige atividade e disposição e iniciativa da parte deste.

Portanto, o noviço não deve confundir instrução médica com formação médica, embora a construção de sua educação médica exija as duas.

O ensino da Medicina é a ferramenta e o caminho apropriados para a instrução e a formação médica desde o início da educação do futuro médico.

O ensino da medicina, pois, é o orientador, o instrutor, dos estudos do futuro médico.

É no mais íntimo do estudante de medicina que devem estar o anseio, a intenção e a aspiração de se educar para vir a ser o bom médico que ele sonha ser desde mais tenras idades de sua vida. No evocar a consciência destes anseios e sonhos e no esforço de torna-los reais é que

se inicia a preparação do futuro médico. Cabe, pois, ao ensino da medicina fazer aflorar no discente este anseio, esta intenção e esta aspiração para guiar a educação médica do seu discípulo na arte da medicina.

A escola de medicina favorece a instrução médica, buscando orientar o aluno nas técnicas e procedimentos, nas informações e conhecimentos os mais hodiernos, como desenvolvidos pela ciência médica.

Porém, também é almejada na escola de medicina, a formação médica objetivando formar o aluno na sabedoria médica.

Todavia a educação médica, mais do que a instrução e a formação, médica depende da participação ativa do aluno, pois para esta vale o princípio: “cada homem consciente é, ainda que orientado, antes de tudo, o resultado do que faz, ele próprio de si mesmo”.

Deste modo sem o compromisso individual e consciente do próprio aluno a sua educação médica não acontece, embora até possa ocorrer a sua instrução e sua formação médica.

Deve ser lembrado sempre, então, que a formação médica é, acima de tudo, uma autoeducação que deve ser estimulada, incentivada e orientada.

Assim, o humanismo que a medicina pressupõe, nasce com a educação médica que não só deve garantir o conhecimento que o médico deve possuir como, também, fundamenta a fraternidade, a ética e moral, a afetividade, e enfim o humanismo que devem permear todos os procedimentos da prática médica.

Só o homem que a si mesmo conhece é capaz de conhecer a seus semelhantes.

E este autoconhecimento só se desenvolve com a educação, pois a educação é o instrumento que permite o domínio que o homem, com consciência existencial, deve ter de suas vontades e desejos, de suas emoções e razões, de seus pensamentos e sentimentos e de seus comportamentos.

É com a educação médica que a moral e a ética, o afeto e o respeito, o humanismo que, devem envolver a todos os atos da arte médica, se estabelecem.

E mais, o humanismo esperado na prática da medicina é forjado na educação médica.

Cabe, pois, aos docentes da Escola de Medicina não só evocar como despertar e instigar no aluno estes anseios da vocação para a medicina.

Vale dizer, com o Professor Renato Locchi, que: “importa mais a atitude do que o êxito, mais o que se pretende do que o que se consegue, pois, o que se pretende e a atitude dependem de nós mais do que o êxito e a conquista”.

Afirmaram importantes pensadores como Aristóteles, Husserl, Kant, entre outros, que “no tempo nenhum conhecimento precede a experiência, antes todos começam por ela”.

Assim o futuro médico deve sempre lembrar, desde o início do seu aprendizado, que não se adquire a sabedoria da arte médica só com leituras, sendo indispensáveis também as práticas, que são o quê facilita, ou o quê propicia, o acumular da experiência tão necessária ao saber médico. E a experiência do médico é forjada desde o seu início nos laboratórios, nos ambulatórios, nas enfermarias, nas salas de parto e de cirurgia, enfim nos locais de aprendizagem da medicina.

E a experiência é a tela na qual se pintam as mais diversas nuances dos conhecimentos médicos. E mais, sem a experiência, que é o fundamento, a obra, que é o conhecimento, não pode ser bem edificada.

Cabe então às escolas de medicina propiciar, aos seus discípulos, os treinamentos práticos que permitirão o desenvolvimento das habilidades e competências, que se comporão nas experiências dos futuros médicos.

Faz parte do aprendizado da medicina o aprender da apresentação do médico.

A escola de medicina, pois, além de favorecer a instrução e a formação médicas, buscando orientar o aluno nas técnicas e procedimentos, nas informações e conhecimentos desenvolvidos pela ciência médica e nas práticas do Ato Médico com o conhecimento e humanismo que este exige, deve prestigiar, também, a educação médica objetivando desenvolver o aluno na sua apresentação como médico.

Entende-se que, desde os primeiros dias de faculdade até a sua graduação, deve ser cobrada do estudante atitude educada, apuro na aparência e vestuário, no vocabulário, na postura, enfim, na elegância médica da sua apresentação como um futuro médico.

A elegância, como a inteligência, desvela-se na capacidade do bem escolher, do saber escolher.

Eis porque a elegância é uma arte, a arte de escolher o preferível dentre opções.

Para ser elegante e bem se apresentar e conduzir, o médico deve estar sempre bem aseado, unhas cortadas e limpas, barbeado, adequadamente vestido, com roupas limpas, enfim, com aparência bonita, elegante. Se usar barba, que ela seja bem cuidada, se usar branco que seja bem limpo. Assim, o aluno, noviço ou interno, deve aprender a se vestir, a se apresentar e a se conduzir não só nas salas de aula e laboratórios, como em ambulatórios, enfermarias e demais locais de atendimento médico, como deve aprender a se comportar nestes locais, demonstrando a intenção de vir a ser um bom profissional da saúde.

Disto, o termo elegância possuir não só a conotação da boa preferência, mas de algo mais, o de uma virtude, pois, ao final a elegância se confunde com a ética, que também é a escolha justa e adequada de comportamentos, condutas, de atitudes.

Todo médico deve ser elegante (pulcro) não só nas maneiras, no agir, no trajar, mas, principalmente no se relacionar com os pacientes, colegas, professores, subordinados e chefes.

E eleição (a seleção), pressupõe opções de escolha e, para bem escolher, um homem precisa não só saber que opções há à sua disposição, mas, principalmente as consequências de cada uma delas. O homem não nasce elegante, ele se faz, se educa para se tornar elegante.

Porém, mais importante do que o aspecto físico é o aspecto moral. O amor pela profissão, sem interesse pecuniário, o interesse pelo bem estar daquele que o procura para aliviar seus males, o interesse e o carinho verdadeiros pelo doente, revelam o médico educado, e assim, o médico elegante. Sempre cabe enfatizar que a medicina é a arte e a ciência para promover, com sabedoria, civilidade, humanismo e amor, a saúde do Homem e que, por isto, o Ato Médico é sempre um ato de respeito pelo ser humano, pela sua vida e sua saúde.

O Ato Médico se desvela na relação do médico com seu paciente, a qual deve ser além de profissionalismo também de respeito humanitário.

A relação do médico com o paciente é uma interação que envolve confiança e responsabilidade. Caracteriza-se por compromissos profissionais, mas, permeados por sinceridade, deferência e afeto, por respeito ao semelhante.

Assim, é obrigação do médico estabelecer um intercâmbio fraternal com o seu paciente, não importa a opção de gênero, a etnia, o credo ou a classe social destes. Nessa permuta o médico deve saber respeitar as contestações, reclamos, as dúvidas dos pacientes e mesmo dos seus familiares, ou acompanhantes.

Nada é mais importante para uma boa relação médico paciente de credibilidade, do que a honestidade e a sinceridade.

Ao acolher o paciente, o médico deve olhá-lo de frente, demonstrando o seu interesse em conhece-lo. Com esta atitude o médico já desvela a sua atenção e, principalmente, o seu respeito pelas dores, sintomas e angústias do enfermo.

Deve também procurar cumprir os horários agendados para as consultas. Nada é mais desrespeitoso e deselegante do que deixar alguém por muito tempo esperando.

Sempre é bom lembrar que, para ser médico, é preciso gostar de pessoas e saber que não se cuida das doenças e sim dos doentes.

O médico necessita sempre de tranquilidade a qual é a ferramenta ideal para um atendimento ao paciente no qual ele possa oferecer o melhor da sua arte, do seu conhecimento, das suas habilidades e competências.

Receber assistência médica de qualidade, mais do que um anseio, é um direito de todo e qualquer ser humano.

Disto, a atitude do profissional médico frente ao seu paciente deve ser de:

- Acolhimento, compreensão e respeito para poder bem ouvir as queixas e os reclamos do enfermo, a sua sintomatologia;
- Calma e paciência para extrair as informações que vão compor a anamnese;
- Delicadeza, descrição e correção ao examinar fisicamente o seu paciente quando na busca dos sinais da enfermidade deste;
- Compreensão e cuidado ao explicar o diagnóstico, os procedimentos de tratamento, as expectativas de prognóstico;
- Reverência e acurado cuidado na relação com os familiares dos pacientes;
- Respeito e resguardo humano revelando o sigilo que o Ato Médico exige.

Cabe lembrar sempre que as indicações de exames complementares devem ser objetivas e comedidas e não devem nunca substituir o exame propedêutico do paciente. De igual modo a terapêutica necessita ser parcimoniosa, de boa relação custo benefício e a necessária. Tanto na indicação dos exames complementares como da terapêutica, o médico deve orientar o seu paciente sobre sua importância, usos e expectativas.

A Medicina: Brevíssima História

Na sua ancestralidade a medicina foi uma prática que misturava magia e misticismo, o sobrenatural. Na atualidade é um saber tecnológico e científico de grande evolução.

Com os mesopotâmios a medicina foi um misto de xamanismo e sacerdócio pseudocientífico. Com os egípcios surgiram as escolas de medicina. Com os gregos a medicina evoluiu de um saber sobrenatural para um saber natural. Com Hipócrates (tido como o pai da medicina natural) surgiram os procedimentos médicos como os conhecemos hoje. Com Galeno (o sucessor romano de Hipócrates) se deu a grande evolução da terapêutica até hoje, por isto, dita galênica. Com a medicina patrística (advinda do catolicismo), na Idade Média Baixa, ocorreu um retrocesso da medicina que voltou a adotar o dizer “a doença é decorrente de pecado e a cura de um milagre”. Com medicina islâmica (árabe) se dá uma retomada da medicina greco romana e a arte de curar volta a evoluir. O ensino da medicina moderna tem um marco com Escola de Medicina de Salerno criada em 1075. Evolui com o surgimento das Universidades a partir de 1100 a.D.

Após 1400 a.D. aconteceu o Renascimento. No Renascimento se deu o reencontro com a cultura grega e romana pela óptica cristã o que acarretou uma revalorização do ser humano, o humanismo. Com o advento da ciência se iniciou o conhecimento médico moderno. Ocorreu: a descoberta das partes do corpo (anatomia), da estrutura do corpo (células e tecidos), da construção do corpo (órgãos e sistemas), dos processos vitais (fisiologia), das mecânicas bioquímicas e biofísicas da vida, da circulação sanguínea, da regulação nervosa, da balança hormonal, do equilíbrio da homeostase, do estudo do psiquismo e das funções mentais. Estes conhecimentos possibilitaram o evoluir do saber médico para a modernidade. Assim os conhecimentos médicos evoluíram da anatomia para a biologia e a genética moleculares atuais.

A cirurgia na Antiguidade surgiu na Mesopotâmia (e.g. operação de catarata) e no Egito (e.g. cirurgia anal, de fraturas e trepanações). Evoluiu com os gregos (a ortopedia dos hipocráticos) e com os Romanos (com Galeno um hábil cirurgião dos gladiadores além de ótimo clínico). Com o advento do catolicismo a cirurgia praticamente estagnou. Como a Igreja Católica repudiava os sangramentos (<Ecclesia abhorret a sanguinee>), disto, a cirurgia estagnou. Os barbeiros então assumiram as sangrias e aos poucos, com o escorrer do tempo, passaram a realizar procedimentos cirúrgicos dos pequenos aos cada vez mais complexos se tornando praticamente em cirurgiões. Como a maioria era iletrada e não conhecia o latim os médicos clínicos não os aceitavam como seus pares. Assim, após um tempo de discórdias, c. 1600, foram estudar o latim e adentraram escolas de medicina e passaram a ser aceitos no meio médico. Na atualidade o cirurgião é um médico que difere do clínico tão só por realizar além da prática médica destes as cirurgias.

Duas Medicinas

Na atualidade pode se falar em duas medicinas, a medicina interna e a social.

As duas almejam promover a saúde humana. Diferem nas propostas de suas ações.

A medicina interna (clínica, ou curativa) atua no indivíduo e é de alto custo, acaba envolvendo procedimentos e tecnologias complexas.

A medicina clínica vale se de diagnósticos laboratoriais, gráficos e por imagem, por vezes custosos, da cirurgia e da terapêutica, muitas vezes de alto custo. Objetiva o indivíduo, ainda que atue muitas vezes em suas circunstâncias; objetiva erradicar as enfermidades, ainda que almeje ensinar ao homem conviver com as sequelas destas (fisiatria, foniatría e outras); objetiva se valer de melhores recursos de diagnóstico e de terapêutica, ainda que, isto encareça os seus procedimentos; objetiva combater e protelar a morte como desígnio humano e prorrogar a vida do homem.

A social atua na coletividade e é de baixo custo, acaba, porém, envolvendo ações abrangentes por serem muitas vezes coletivas, políticas e socioculturais.

A social se vale de ações coletivas, da prevenção, da educação para a saúde e almeja melhorar a qualidade de vida dos cidadãos e tornar saudáveis as suas atividades da vida diária. A medicina social entende que são determinantes de saúde: o uso sustentável dos recursos naturais; ecossistema estável; a moradia; a escolaridade; a renda; segurança; relações e justiça sociais; igualdade de direito para as mulheres; respeito aos direitos e à equidade humanos; a paz. Assume a pobreza, acima de tudo, ser a maior ameaça à saúde.

De modo geral a medicina social é a atenção ao ser humano, coletivo, inserido em suas circunstâncias, no objetivo de promover saúde pelo enfrentamento das causas ecológicas, etológicas e socioculturais das enfermidades e de suas sequelas.

Embora as duas procedam da mesma origem e a medicina curativa seja de história mais antiga, que não se confunda, porém, as ações sociais da medicina curativa, que de modo geral são ações beneficentes, com as ações da medicina social que por sua natureza mais própria são coletivas, são comunitárias.

A Moderna Promoção da Saúde

O marco da moderna promoção da saúde foi a Conferência de Alma Ata (Cazaquistão, 1978) com as suas proposições de: Atenção Primária de Saúde (Atenção Básica) e Saúde para Todos, até o ano 2000.

A Conferência que, de princípio definia a saúde como o “estado de bem-estar físico, mental e sociocultural do Ser humano” propunha a atenção primária de saúde com as ações:

- 1º Sociais: água potável, alimentos e nutrição adequada, saneamento básico, moradia, trabalho com renda sustentável;
- 2º Preventivas: prevenção de enfermidades endêmicas, imunização, assistência materno infantil, aleitamento materno, programas de saúde, educação para a saúde;
- 3º Clínicas: tratamento apropriado das enfermidades mais prevalentes e dos traumatismos comuns, disponibilidade de medicamentos.

No Brasil o grande marco da moderna promoção de saúde foi a IX Conferência Nacional de Saúde (Brasília, 1992) com as proposições: a saúde como o direito de todos e um dever do estado. A saúde um direito e obrigação constitucional.

O resultado desta Conferência gerou o capítulo de saúde da Constituição atual e deu origem ao nascimento do Sistema Único de Saúde, o SUS.

Prática Médica

Sobre a prática da medicina cabe referir dois textos organizados em decálogos. Um procedente de Hipócrates, num olhar antigo, e outro proposto pelo autor, o qual atualiza a prática médica para os dias atuais. A prática Médica num decálogo fundado em Hipócrates:

- Tratar o doente como um todo e não como um órgão doente;
- Agir na causa da doença;
- Aproveitar a ocasião oportuna para intervir;
- Acreditar na força curativa da natureza;
- Individualizar o tratamento, respeitando o tipo físico, o sexo, a idade do paciente;
- Não intervir em excesso sobre o corpo do doente;
- Abster se do impossível; não prometer milagres;
- Não lesar, ou prejudicar, o paciente;
- Educar o enfermo;
- Proceder, sempre, guiado pela ética.

A prática Médica em um decálogo moderno:

- Manter, promover e recuperar a saúde humana;
- Compreender, controlar e erradicar as enfermidades;

- Acompanhar o crescimento, o desenvolvimento e a maturação da pessoa;
- Aliviar as dores e amainar os sofrimentos;
- Amparar, acolher e solidarizar com quem padece enfermo;
- Respeitar ao próximo valorizando o direito à vida e à saúde de cada homem;
- Educar o homem para o bem-estar físico, mental, sociocultural e político;
- Contribuir com a expectativa da sociedade em saúde e em qualidade de vida;
- Proteger e salvaguardar a vida humana;
- Protelar e dignificar a morte do homem.

No Ato Médico cabe ao bom profissional da medicina saber:

- *Ouvir ao paciente;*
- *Inquirir para coletar informações complementares;*
- *Examinar fisicamente ao doente;*
- *Formular hipóteses diagnósticas;*
- *Solicitar exames complementares;*
- *Apreciar resultados dos exames e avaliações complementares;*
- *Formular diagnósticos principais, sindrômicos;*
- *Estabelecer condutas para o tratamento e a terapêutica;*
-

Código de Ética Médica

O Código de Ética Médica é aprovado pelo Conselho Federal de Medicina e aplicado em nível local pelo Conselho Regional Estadual correspondente.

Tanto os profissionais, quanto as organizações e instituições que prestam serviços de saúde devem observar o Código de Ética Médica.

Assim, todo médico deve conhecer o seu teor para saber de seus direitos e de seus deveres, de suas obrigações e de suas responsabilidades, com os pacientes e seus colegas, com a sua arte médica.

Pelo Código de Ética cabe aos médicos zelar por uma assistência médica que assegure saúde e cuidados médicos a cada homem independente de opção de gênero, idade, cor, etnia, língua, religião, opinião política, nacionalidade e naturalidade, condição socioeconômica etc.

Atualmente os Conselhos de Medicina desenvolveram para divulgação um Código de Ética para o estudante de medicina. O código se aproxima do estabelecido para o profissional médico e é importante que o discente não só tome conhecimento dele como procure observá-lo.

A Escola de Medicina Souza Marques sempre teve em anexo aos seus Projetos Pedagógicos um Código de Ética que procura regular as relações de seus membros: docente, discentes, técnicos e funcionários. E, antes de tudo, este Código procura também orientar o discente nas suas relações com seus pacientes.

Pensamentos Conclusivos

Tanto o professor de medicina quanto os seus alunos devem estar vocacionados para esta profissão para que, o ensino e a aprendizagem ocorram da melhor forma possível.

Cabe, pois, ao docente, “recuperando” a sua vocação para a arte médica, evocar, principalmente através de suas destrezas e posturas médicas, a vocação de seus alunos.

Servir como um modelo vívido para discentes é um papel importante do docente na formação do aluno.

Pelas atitudes do docente o noviço na arte da medicina pode, ao querer ser como ele, encontrar um caminho para a sua instrução, formação e educação médicas.

É fundamental, assim, ao ensino e ao aprendizado da medicina o gostar desta.

O bom docente de medicina é um profissional que sabe ser um médico, um bom médico, um modelo de médico. Repetindo, ser um modelo para seus discípulos.

A medicina é a arte que pretende conciliar ciência, sabedoria e humanismo.

A medicina é uma arte, isto é, são as habilidades, as técnicas, os procedimentos pelos quais o médico examina e diagnostica os males em seus pacientes, trata as suas enfermidades, avalia a recuperação destes, procura afastá-los da morte.

A medicina é a ciência que almeja compreender, controlar e erradicar as enfermidades evitando as, prevenindo as, modificando o- curso destas.

A medicina é a sabedoria acumulada no transcurso de séculos sempre na busca proteger, promover e manter a saúde do Ser humano.

A medicina é um humanismo, pois é a arte que objetiva no amor ao Ser humano acalmar as suas dores, curar as suas moléstias, tratar as suas lesões e protelar a sua morte.

É, enfim, a arte da prática das habilidades e competências do médico, no seu dia a dia, no trato com a vida do Ser humano.

A prática da medicina fundada no “humanismo” é o realizar do Ato Médico no amor ao ser humano, no respeito à sua vida.

Observações

- <TECHNÉ>

A <techné> (gr.), <ars> (lat.), a arte, é uma atividade humana fundada num saber. Aquele que tem uma <arte> (técnica) detém um saber que o orienta em sua produção, em sua habilidade e competência em sua atividade.

De acordo com a definição, a criação (<poiésis>) se aproxima de uma “essência de agir”, de uma “força criadora” que utiliza um conhecimento técnico, uma técnica (<techné>), para realizar o impulso criador (e.g. a poesia, a música, a pintura, a escultura). Neste sentido a prática da medicina é uma <techné>, uma <ars>, disto ter sido para os gregos a <techné iatrique> e para os romanos a <ars medica>.

A arte, no sentido do termo grego <tekhné>, é uma habilidade para realizar propósitos, a qual é a apreendida e desenvolvida no dia a dia com a experiência que se converte em vivência. É a resultante do praticar com intenção de obter habilidades e competências. É um saber fazer caracterizado como uma criatividade (<poiésis>), construída no dia a dia do fazer para a realização de tarefas. Assim a arte, <tekhné> é um saber fazer habilidoso para o cumprimento de tarefas, de objetivos.

A arte quer enquanto técnica (de <techné>) quer enquanto artesanato (de <ars>) é passada de geração a geração, aperfeiçoada, evoluindo em paralelo ao conhecimento humano e às suas descobertas.

É pela habilidade e competência, pela técnica, que toda a arte pode ser ensinada e aprendida. A medicina é, pois, uma arte.

- Organização Mundial de Saúde (OMS ou “World Health Organization” WHO)

Após a Primeira Guerra Mundial foi criada, pelo Tratado de Versalhes, a Sociedade das Nações (SDN), também conhecida como Liga das Nações (28 de Julho de 1919). A SDN criou um comitê de higiene, que foi o embrião da OMS.

Em 18 de abril de 1946, este organismo, a SDN, se dissolveu, transferindo as suas responsabilidades para a recém criada Organização das Nações Unidas, a ONU.

A OMS, subordinada à ONU, é uma agência especializada em saúde, fundada em sete de abril de 1948 e com sede em Genebra, na Suíça.

A OMS tem por objetivo desenvolver ao máximo possível o nível de saúde de todos os povos. Segundo sua Constituição a Saúde é definida como: “um estado de completo bem estar físico, mental e social e não consistindo somente da ausência de doença ou enfermidade”.

Texto fundamentado no Projeto Pedagógico de Curso de Medicina Souza Marques e em aulas inaugurais proferidas pelo autor.